

Prof.
Odete Rios

Sikulume E OUTROS CONTOS AFRICANOS

Adaptação de
JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Ilustrações de
LUCIANA JUSTINIANI



Acervo Básico / 2006
Categoria Reconto



— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou o pai, entre preocupado e triste. — Não sabem que sua mãe gosta de comer carne de gente?

Antes que tivessem tempo de responder, ouviram uma voz vinda da floresta que mais parecia um trovão. Virando-se, depararam-se com a mãe saindo de dentro do mato, os olhos estranhamente ameaçadores.

Assustado, rapidamente o pai os arrastou para dentro de casa e os escondeu num canto escuro, cobrindo-os com um monte de peles. Em seguida, a mãe entrou carregando o corpo de um animal e o de um homem.

— Que cheiro bom — observou ela, farejando o ar à sua volta. — O que tem aí pra mim? Que cheiro bom é esse que sinto em minha casa?

— Você deve estar sonhando, mulher — disse o marido.

Os olhos da mulher estreitaram-se, brilhantes de interesse e astúcia, como se encontrasse respostas no silêncio atemorizado dele.

— São nossos filhos, não são? — perguntou daquele jeito de quem pergunta mas já tem antecipadamente a resposta. — Diga-me onde eles estão, Sohinazinci, diga!

— Eles continuam com o avô, mulher.

Ela o empurrou de um lado para o outro até que não mais escondesse as duas crianças.

— Lamento muito que estejam aqui, meus filhos — disse ela. — Mas como bem sabem, eu preciso muito de carne de gente...

Minanzici abraçou-se à irmã, mudo de espanto, e os dois nada disseram tão assustados estavam.



A mãe cozinhou o animal que havia trazido da floresta para o marido e para os filhos e o que restara do homem, para si. Após o jantar, enfasiada, ela saiu e o pai aproveitou para conversar com as duas crianças.

— Vocês precisam ficar acordados quando eu e sua mãe formos dormir — disse. — Assim que ouvirem o barulho de gente dançando, feras selvagens rosnando e cães latindo de dentro da barriga de sua mãe, podem ter certeza de que ela está dormindo. Nessa hora levantem-se e vão embora.

As crianças concordaram e assim que o casal foi dormir, deitaram-se, fingindo que faziam o mesmo. Pouco depois, os ruídos foram saindo da barriga da mãe, sons temíveis, rosnados amedrontadores, uma confusão que deixaria até o mais valente dos homens arrepiado e tremendo dos pés à cabeça.

— Ela está dormindo — concluiu a menina, num sussurro.

Acenaram para o pai e saíram silenciosamente. Um pouco depois, a mãe despertou e ao descobrir que elas haviam partido, apanhou o machado e partiu no encalço de ambas. Seus gritos ecoaram noite adentro, mergulhando toda a floresta no silêncio mais apavorante, fazendo todas as criaturas (estivessem elas no alto das árvores, enfiadas em buracos ou tocas, às margens dos rios e lagos) saírem do seu caminho.

— Nossa mãe... — balbuciou Hinanzici.

— Ela veio atrás de nós — acrescentou sua irmã.

Correram mas a impressão que tinham era de que quanto mais corriam mais próxima ela parecia estar. Cansados, viram-na emergir da escuridão, brandindo o machado, a fisionomia transformada





por uma careta pavorosa, provocada por aquela fome interminável que atormentava sua existência.

— Cante uma de suas canções, minha irmã — pediu Hinanzici. —

Uma daquelas que nossa mãe cantava para nós quando éramos bem crianças e ela ainda não comia gente...

A menina tentou mas o medo era tanto que ela nem sequer falava.

— Talvez ela se comova e desista de nos comer — insistiu o menino.

— Ela não vai ouvir nada, pois está cega pela vontade de nos comer, meu irmão — disse a menina.

— Mas pelo menos tente, minha irmã. Talvez dê certo.

Finalmente ela conseguiu entoar uma pequena canção. Ao ouvi-la, sua mãe parou e acabou por desistir de persegui-los, voltando para casa.

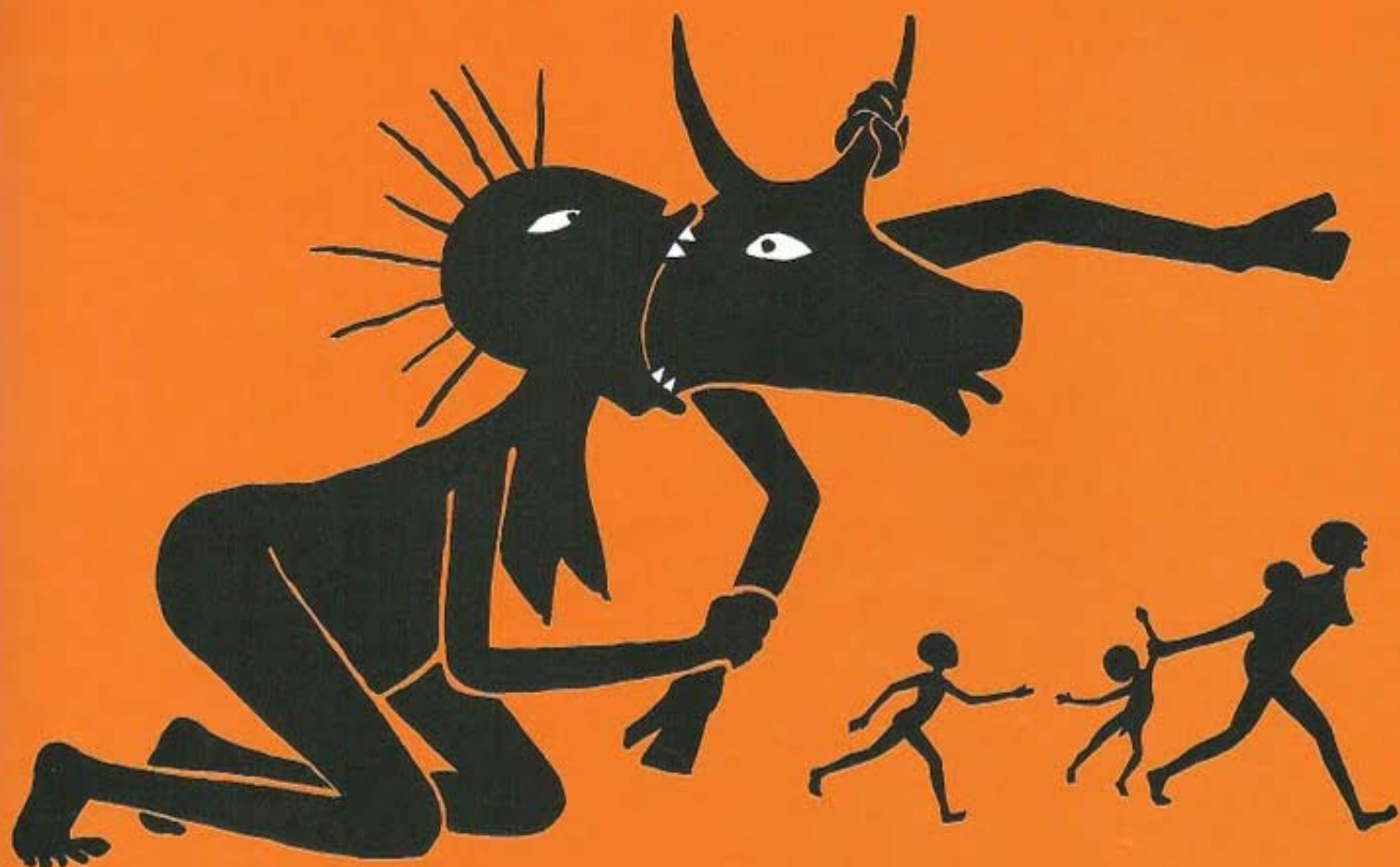
Encontrando o marido esperando-a junto da porta, arremeteu sobre ele, brandindo o machado.

— Pare, mulher! — gritou ele. — Se me matar, quem será seu marido e cuidará de você?

Ela parou e ficou pensando, pensando e acabou concordando.

— Mas eu continuo precisando de carne de gente — disse ela, reiniciando a perseguição aos filhos.





Os dois já estavam chegando na aldeia onde moravam com o avô quando a mãe os alcançou. Correram, mas, completamente enfraquecida, a menina, gritando pelo irmão, acabou engolida. Mais alguns passos e foi a vez de o menino ter o mesmo destino. Enlouquecida pela proximidade de tanta gente, já que as mulheres, crianças e velhos que saíram de suas casas atraídos pelos gritos dos irmãos corriam em sua direção, a mulher lançou-se sobre todos, até mesmo sobre o avô. Nenhum deles escapou. Apenas aqueles que estavam trabalhando nas roças não foram atacados. O próprio gado que pastava nas redondezas acabou devorado pela mulher canibal.

Ao entardecer, mal se agüentando sobre as próprias pernas de tanto que comera, ela partiu de volta para casa. No meio do caminho, atravessando um vale profundo e naquele momento tomado pelas sombras do fim do dia, avistou um lindo pássaro de canto muito envolvente. Sentindo-se atraída, aproximou-se. No mesmo instante, a pequena ave começou a crescer e foi crescendo, crescendo, até ficar do tamanho de uma cabana. Enquanto a mulher pensava em uma maneira de capturá-lo para dar de presente ao marido, o pássaro pôs-se a cantar algo mais ou menos assim:

Mulher barulhenta

Quanto barulho sua barriga faz,

Ninguém aguenta!

Nem a bela ave do vale

De quem você está perturbando a paz!

O pássaro, imperturbável, continuou cantando e ela avançando. Chegando mais perto, a mulher ergueu o machado, mas se surpreendeu quando a ave lhe tirou o machado das mãos. — Eu não quero sua carne, bela ave — disse ela, reciosa. — Devolva-me o machado, por favor!

O pássaro continuou cantando como se ela nada dissesse e quando a mulher insistiu, golpeou-a, cortando-lhe um dos braços.

— Não faça assim! Meu marido está em casa com fome e não posso fazer comida para ele sem meu braço!

Outro braço foi cortado e mais uma vez a mulher suplicou:

— Eu juro que vou embora se você me devolver meu machado...

Novo golpe e lá se foi uma das pernas.

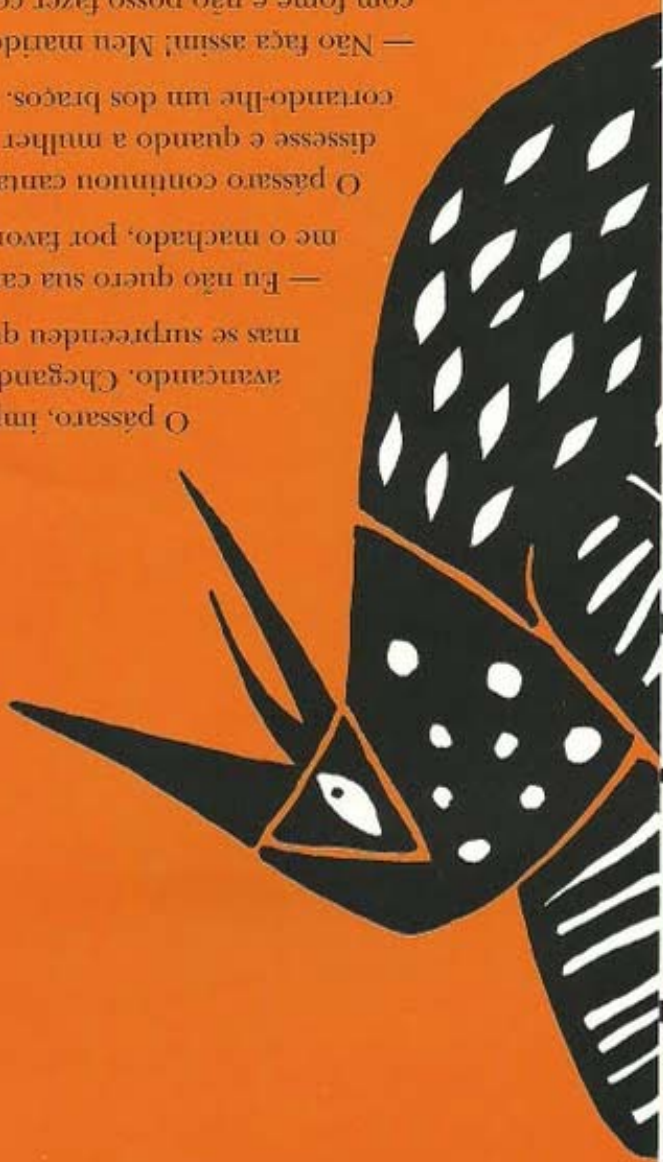
— Queida ave de bom coração, estou

com pressa para chegar em casa e vou precisar de minhas pernas — insistiu.

— Por favor, não as corte!

A segunda perna voou longe e pressentindo o pior, a mulher im-

plorou:





— Poupe-me e eu lhe cantarei a mais bela canção já ouvida!

O último golpe atingiu-a bem na barriga e, imediatamente, muitas pessoas que lá estavam saíram, ainda vivas, mas muito assustadas. Outras já estavam mortas e essas, a mulher, desesperada, sentindo-se novamente esfomeada, tratou logo de voltar a engolir. Hinanzici e a irmã saíram do meio delas aos saltos e acompanharam a gente da aldeia em sua fuga desembestada; um pouco antes de sua mãe dar o último suspiro e morrer.

Desnecessário dizer que todos na região respiraram aliviados e comemoraram a morte da mulher canibal. Hinanzici e a irmã voltaram para a casa do avô e um pouco depois, já crescidos, a jovem casou-se com o filho de um poderoso chefe e seu irmão com a filha de um outro famoso guerreiro.

A MÃE CANIBAL E SEUS FILHOS

Há muito tempo existia um casal que tinha dois filhos, uma menina e um menino. Eles moravam com o avô, pois a mãe era canibal e o pai, apesar de não ser, achava mais prudente que ambos fossem criados longe dela.

Certo dia, os dois viraram-se para o avô e o menino disse:

— Já estamos vivendo com o senhor por muitos anos e gostaríamos muito de conhecer nossos pais.

O avô, claro, preocupou-se:

— Eu tenho medo de que vocês não voltem.

— Não se preocupe, meu avô — pediu a menina, com carinho. — Nós o amamos muito e certamente voltaremos.

— Não é disso que tenho medo e vocês bem sabem disso.

— Do que está falando, meu avô?

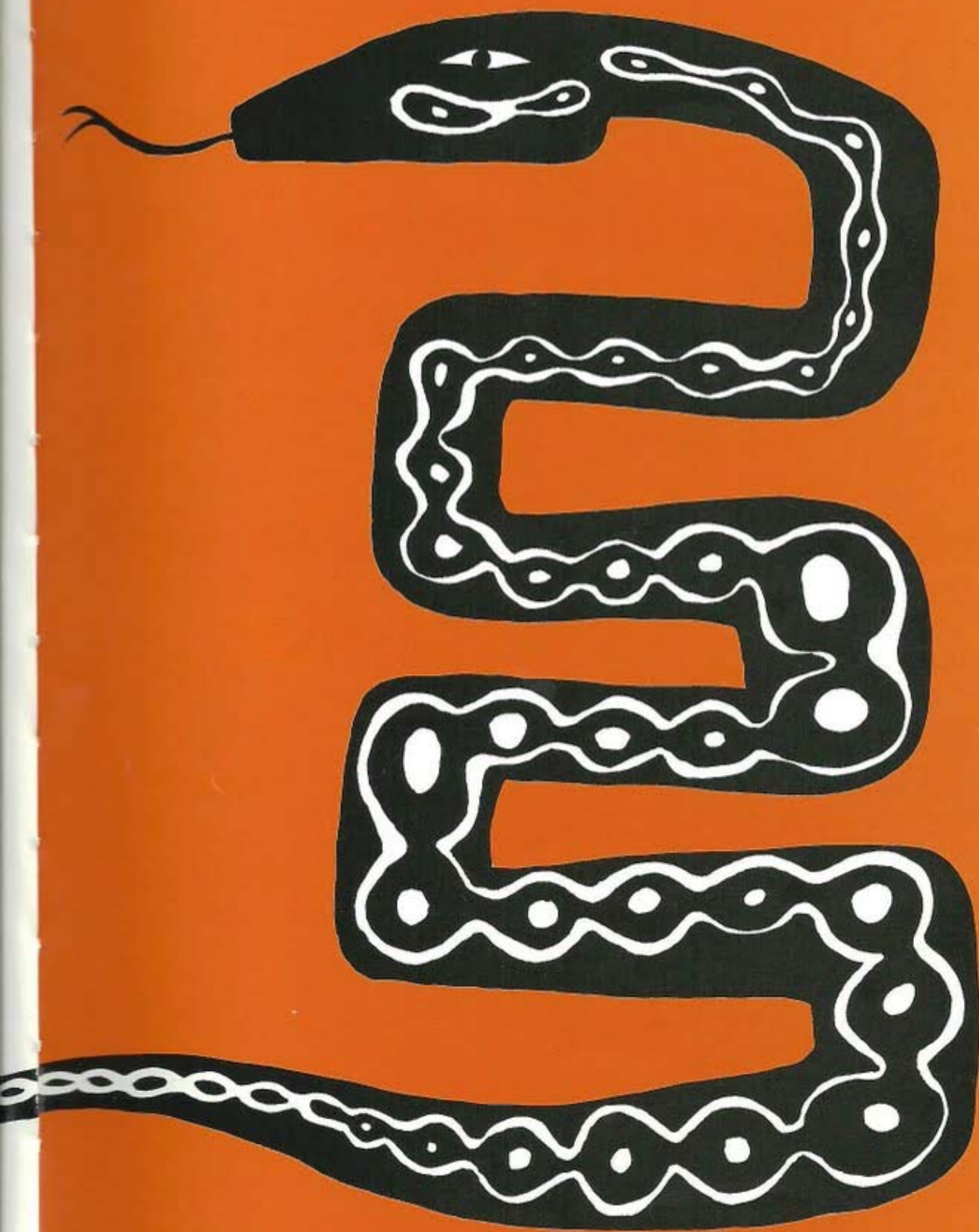
— O quê? Acaso já esqueceram que sua mãe é canibal?

— Claro que não, meu avô — respondeu o menino —, mas ela é a nossa mãe e temos certeza de que, mesmo gostando de comer carne de gente, não nos fará mal algum. E os dois tanto pediram e tanto argumentaram que o velho finalmente concordou:

— Vão, mas procurem chegar antes do anoitecer, de modo que sua mãe, que prefere a noite ao dia, não os veja ou, se os vir, não tenha coragem de se aproximar. Fiquem com seu pai, pois ele não é canibal.

Hinazinci, o menino, prometeu que se cuidariam e antes de o sol se pôr os dois partiram. Ao chegarem, ouviram a voz do pai e chamaram por ele.







vontades, o que significou que ela se recusou a pedir qualquer coisa à serpente.

Pior do que isso somente o canto irônico que entoou, debochando de Isinyobolokondwana, que dizia assim...

Ngoingcingci, Ngoingcingci

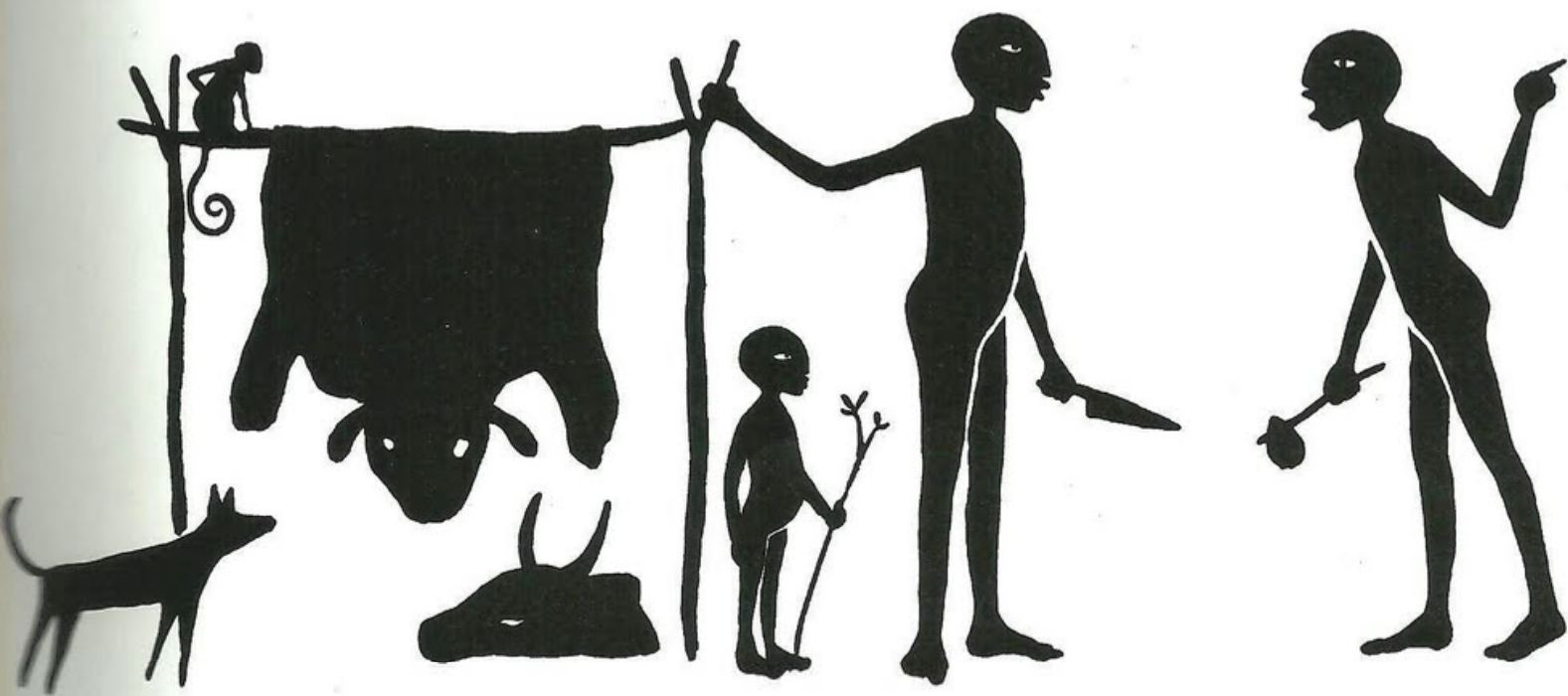
Algo sem o menor sentido, apenas uma brincadeira, uma zombaria com a grande cobra, que, como é de se imaginar, ficou com muita raiva e acabou por mordê-la. No momento seguinte, a pele da filha do chefe ficou igualzinha à da cobra. As outras moças, horrorizadas, gritaram e saíram correndo na direção da aldeia. Temerosas das consequências de seus atos, apressaram-se em colocar uma delas dentro da palhoça, para que se passasse pela filha do chefe.

Abandonada no meio da floresta e muito assustada, pois naquele momento sua pele em tudo se parecia com a da serpente e, como um mal bem contagioso, aquele aspecto desagradável só fazia se espalhar por todo o seu corpo, ela subiu para o alto de uma árvore, morta de vergonha e sem entender muito bem o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo, seu pai, que acabara de matar uma vaca para a grande festa preparada para ela, mandou um de seus ajudantes atrás de pedaços de pau para fazer uma grade onde pretendia pendurar a pele do animal. O homem estava cortando alguns galhos quando ouviu uma voz acima de sua cabeça implorando:

— Homem que está cortando lenha, corra até a aldeia e diga a meu pai e a minha mãe que Isinyobolokondwana me mordeu.

O jovem ajudante ouviu a voz lamentosa mas inconfundível da filha do chefe e correu para avisá-lo. Este, desconfiando de que tudo não passasse de uma grande mentira, uma maneira de fugir ao trabalho que lhe confiara, mandou seu filho e mais outro jovem guerreiro para descobrir exatamente o que o seu ajudante vira e, até mesmo, se ele vira alguma coisa.

— Vou castigá-lo severamente se for mentira — prometeu, ameaçador.

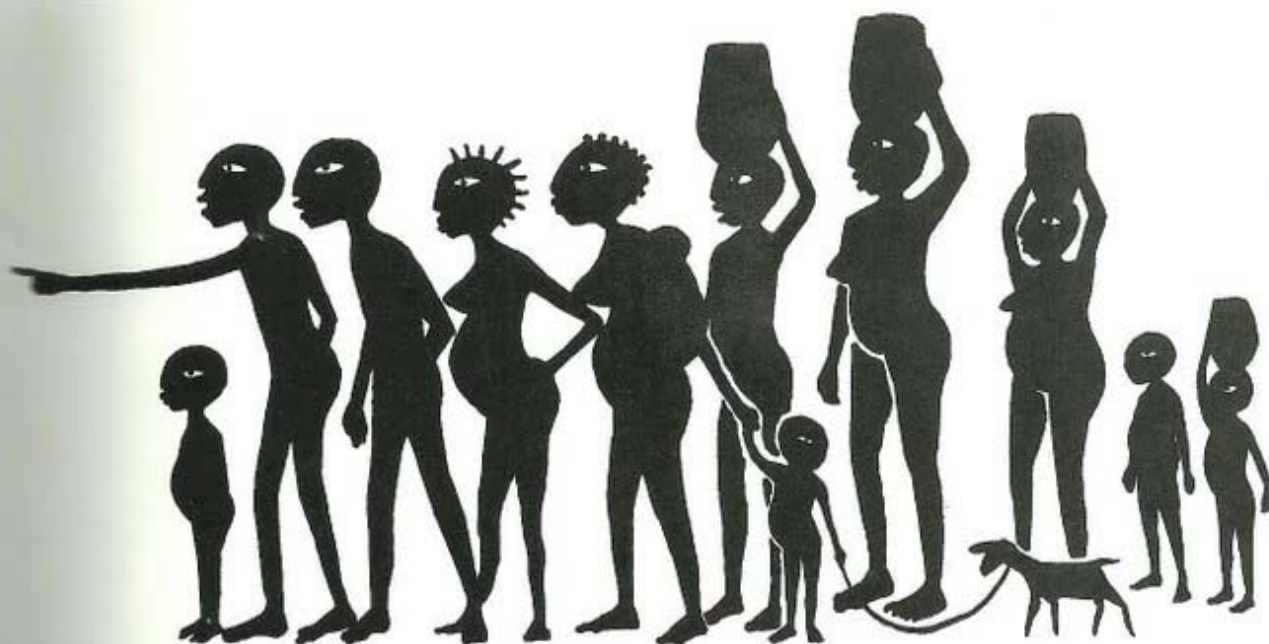




O ajudante foi obrigado a voltar à floresta e reiniciar o trabalho interrompido. Ele cortava lenha quando mais uma vez a voz profundamente infeliz e angustiada da filha do chefe se fez ouvir. O irmão a reconheceu de imediato e, rumando para a árvore no alto da qual ela se encontrava refugiada, convenceu-a a descer e a levou para casa.

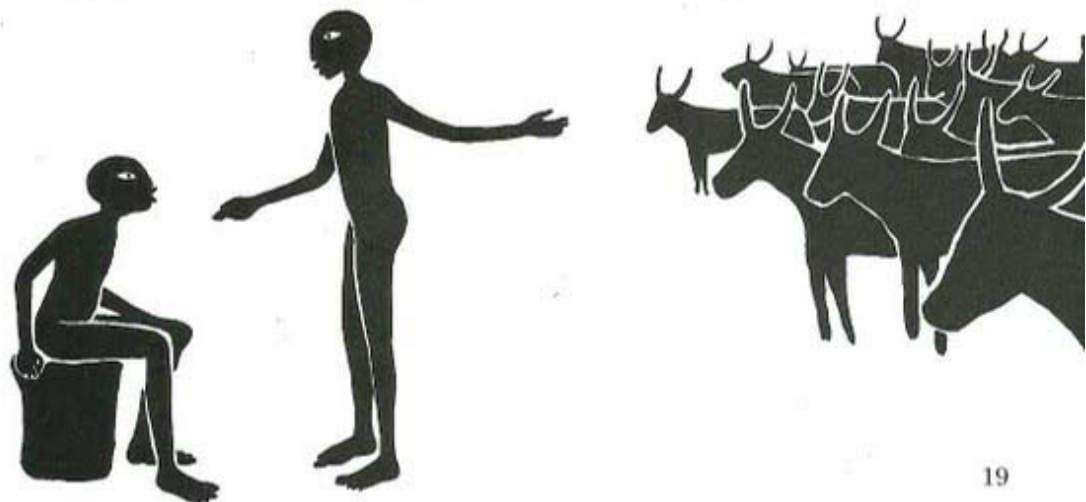
O chefe ficou surpreso ao vê-la naquele estado e enfureceu-se com suas companheiras por tentarem enganá-lo, além de a terem levado ao rio, o que todas sabiam que era proibido. Todas foram castigadas e, em seguida, o chefe deu ordens para que alguns homens levassem sua filha e algumas cabeças-de-gado para um local distante da aldeia, e lá construíram uma cabana onde ela passaria a morar daquele momento em diante.

Passou-se um certo tempo e alguns começaram a perceber que as vacas que haviam levado para ela produziam mais leite que o necessário e o excesso começou a ser derramado num buraco feito no chão. A surpresa aumentou ainda mais quando, sem mais nem menos, o leite começou a jorrar como se



fosse uma cascata espirrando para o alto e tudo se transformou em verdadeiro encantamento quando a filha do chefe, curiosa, aproximou-se do buraco e acabou atingida por um dos jatos de leite. No momento seguinte, como uma cobra costuma fazer de tempos em tempos, todos a viram se despir daquela pele de aspecto horrível que a cobria, revelando mais uma vez a grande beleza que sempre encantara a todos na aldeia.

Com espanto e emoção geral, o velho chefe derramou-se em lágrimas ao ver a filha voltar para junto de si. Dias mais tarde, um jovem e poderoso chefe que passava pela região a viu e apaixonou-se imediatamente. Imaginando que ela fosse filha de um dos homens que a protegiam em sua palhoça no meio da floresta, ele se aproximou e fez muitas perguntas, e, assim, foi informado de que se apaixonara pela filha do chefe. No mesmo instante, ele o procurou e ofereceu um grande dote com várias cabeças de gado para que o chefe concordasse com o casamento de ambos. Conta-se que ela também se apaixonou pelo jovem chefe e acabou se transformando em sua principal esposa, sendo muito amada e lhe dando muitos filhos fortes e saudáveis que viriam a ser, como o pai, o chefe de sua gente por muito e muito tempo.



A HISTÓRIA DA MENINA QUE NÃO RESPEITOU A TRADIÇÃO NTONJANE E O QUE ACONTECEU COM ELA

Os mais velhos são uns dos poucos que ainda contam a história de uma certa filha de um chefe que atingira a idade de observar a tradição ntonjane. Por isso, ela foi colocada numa palhoça onde deveria permanecer até o dia da cerimônia. No entanto, numa certa manhã, algumas amigas a convenceram a ir banhar-se nas águas de um rio que corria bem próximo da

aldeia, o que era terminantemente proibido. O dia avançou pela tarde e já entardecia quando elas resolveram sair de dentro d'água e voltar para a aldeia. Nesse instante, surpreenderam-se ao encontrarem Isinyobolokondwana, uma serpente com a pele coberta de manchas e aspecto assustador, deitada exatamente sobre suas roupas.

Isinyobolokondwana era uma criatura enorme; todas ficaram com muito medo e sem saber o que fazer diante dela. Aos poucos, uma ou outra conseguia recobrar a calma e, estimulando as companheiras, todas começaram a entoar uma canção que dizia algo como...

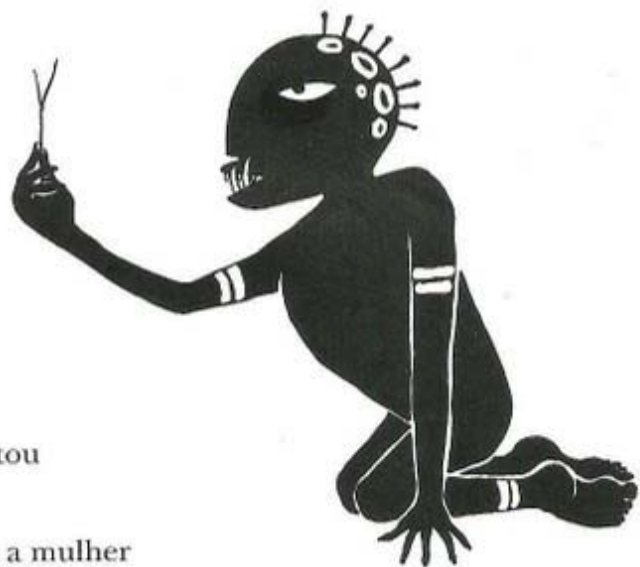
Sinyobolokondwana, Sinyobolokondwana, traga meu manto!

Ao que a grande cobra respondia:

— Pode apanhá-lo e vá embora! Nem olhe para trás e me deixe em paz!

Uma a uma as moças pediram que a serpente lhes trouxesse suas roupas e conseguiram a devida permissão para apanhá-las. A filha do chefe ficou por último e, como era filha do chefe, era extremamente orgulhosa e cheia de





O monstro, ao ouvi-la, aproximou-se sorrateiramente e disse:

— Por favor, chegue mais perto. Eu não estou conseguindo ouvi-la.

Como não sabia com quem estava lidando, a mulher atendeu-o e, mais do que depressa, ele também a engoliu. Alcançando as profundezas malcheirosas do grande chefe dos animais, ficou muito feliz ao descobrir que seus filhos ainda estavam vivos, além de um número incalculável de vacas e cachorros.

Como as crianças reclamavam por estarem famintas, matou um dos animais e acendendo uma fogueira com a lenha que carregava, cozinhou um grande pedaço de costela para alimentá-los bem como a muitas outras pessoas que foi encontrando à medida que avançava pelas entranhas do monstro.

